

O FÔLEGO E A MÃO DE ÁLAMO OLIVEIRA (1945-2025)

PAULO J. M. BARCELLOS *



* ASSOCIAÇÃO
OS MONTANHEIROS

NOTA INTRODUTÓRIA

Este texto é uma homenagem póstuma à pessoa que foi Álamo Oliveira. Mais uma homenagem, a juntar a tantas outras que sucederam a sua morte, e que certamente não será a última.

Conheci Álamo Oliveira há mais de 45 anos, tinha eu por volta dos meus 8 anos. Partilhei com ele algumas viagens de autocarro aos fins de semana, até à freguesia de Santa Bárbara, onde eu saía seguindo ele até ao Raminho. Sentei-me algumas vezes ao lado dele, numa altura em que as “camionetas da carreira” circulavam com bastante mais ocupantes, mas nunca lhe dirigia palavra, cabendo à minha mãe a conversa de circunstância. Não desenhava, não escrevia... era um passageiro vulgar como todos os outros. Só que já não o era nessa altura, mas quem era eu para o saber? Hoje imagino que enquanto alguns se distraiam com a paisagem ele estivesse a imaginar cenários e formas de exprimir pensamentos e sentimentos.

A ilha é pequena, e embora a Vida não nos tenha tornado amigos, acabei por participar em projetos onde a sua energia criadora esteve presente: toquei as melodias com que Carlos Alberto Moniz musicou as suas letras em *Marchas de São João*, cantei a sua *Terceira Bem Amada* e a ópera *Boas Festas Senhor Natal* compostas por Antero Ávila, e ajudei a montar um ou outro espetáculo com criações de Álamo Oliveira. A sua presença nos ensaios que se prolongavam até mais tarde, levantava apenas uma questão, rápida de resolver: quem o ia levar a casa? Hoje achamos curioso que uma pessoa que tanto fez nunca tenha tirado carta de condução.

Pela obra se conhece a pessoa. Não tendo propriamente histórias pessoais com o Álamo Oliveira que possa contar, mas querendo enaltecer a pessoa que foi e que vim a admirar, faço esta homenagem fixando nestas páginas uma parte daquilo que foi a sua vida, do que produziu e daquilo que nos deu. Vulto maior da cultura dos Açores, deixou uma forte impressão digital em muito daquilo que foi feito nas artes e lettras nos últimos 60 anos, na região e na diáspora.

As informações que constam neste texto provém de vá-

rias fontes, e de forma especial do catálogo “O meu coração é assim” da Exposição Comemorativa dos 75 anos de Álamo Oliveira, organizada pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, com a virtude de ter sido uma Exposição que beneficiou da presença e intervenção do homenageado.

As referências aqui apresentadas à sua obra literária, estão incompletas na sua descrição, ficando-se pelos títulos, datas e pouco mais, pois não é meu objetivo listar pormenorizadamente a sua produção artística.

Fica também este artigo enriquecido com alguns desenhos de Álamo Oliveira, que creio serem inéditos e que pertencem à coleção particular de Paulo Henrique Silva. À margem podem ser vistas curiosas anotações, do resultado de decisões já tomadas ou a amadurecer, de um projeto em que estava envolvido.

UMA (AUTO)BIOGRAFIA

José Henrique Álamo Oliveira nasceu na freguesia do Raminho, na ilha Terceira, a 2 de maio de 1945. Foi nesta freguesia que fez os estudos primários, tendo sido aprovado com distinção. O mais novo de cinco irmãos, foi o único que teve a possibilidade de prosseguir os estudos, seguindo para o Seminário Episcopal de Angra (1957/64) onde privilegiou os estudos de língua portuguesa, filosofia e artes plásticas, acabando por adquirir como habilitações o equivalente ao antigo 7º ano. Sobre esses tempos de meninice deixou este testemunho em 2013:

“Aos cinco anos, a minha avó Florinda era a narradora dos meus contos e foi a minha professora de uma espécie de ensino pré-primário.

Aos sete anos, descalço, alvaroses de cotim, camisa de linho riscado e mala de serapilheira a tiracolo, com um livro (o da 1ª classe), uma ardósia e o lápis adequado, entrei na escola, que funcionava numa velha casa descentrada dos seus frontais. Éramos seis dezenas de crianças, distribuídas pelas quatro classes. Ali começámos a aventura de juntar letras e algarismos, vendo como as palavras nos formavam e informavam e como os números nos deixavam entender grande-

zas somadas e multiplicadas ou diminuídas e divididas até à zerificação.

À medida que íamos passando de classe, aumentavam-se livros, tabuadas, ciências ditas naturais, história de Portugal, geografias com as suas ilhas adjacentes e as suas colônias. O nosso material didático era rudimentar e pouco: três mapas dependurados na parede, um quadro a giz, uma régua de meio metro centimetrada, um dicionário da língua portuguesa, carteiras de madeira para cinco alunos cada, com tinteiros de porcelana embutidos e... (penso que mais nada). Um crucifixo, um retrato do general Carmona (presidente da República) e outro de Salazar (presidente do Conselho) ornamentavam de sisudez a parede principal da nossa escola, rigorosamente destinada ao sexo masculino.

Numa freguesia vestida de grande ruralidade, distante do meio urbano da ilha, nos anos longínquos de 1952 a 1956, o nosso quotidiano era enformado por atos simples e minimalistas e qualquer pequena alteração ganhava dimensões de drama ou de festa. Estávamos no tempo que acabara de consagrar, como obrigatórios, quatro anos de escolaridade; não havia agricultura mecanizada, nem eletricidade, nem água canalizada; não havia tabela etária para se começar a trabalhar; o pároco controlava a gravidade dos pecados, dos pensamentos, das obras e das omissões; o governo governava conforme lhe apetecia; desconheciam-se palavras tão simples como liberdade, democracia, eleições. Toda a gente tinha uma enorme vontade de emigrar. A fome desse tempo era uma espécie de passos coelho emigrador. Para muitas crianças, o horário escolar era o seu tempo de descanso.

Estava muito perto de fazer exame do 1º grau (3ª classe) quando a avó Florinda morreu. Senti-me com a escola perdida. Deixava de ter a minha mais atenta e amorosa inspetora. Ela aliciava-me, antecipando-se à professora, com saberes complementares na área da geometria e da álgebra, da leitura interpretativa e da escrita criativa. Lemos vezes sem conta "O Toiro Azul" e "As Pupilas do Senhor Reitor" e desenhámos corações, chaminés de mãos postas, flores para bordar. Eu tinha a sorte de ser neto de uma raríssima mulher que, naquele tempo e neste lugar com um índice elevadíssimo de analfabetismo, sabia ler, escrever, desenhar, bordar, costurar, cozinar. Nem meu pai, nem nenhuma das minhas tias se lhe aproximavam nos saberes. Nem eu.

Comeci a 4ª classe sem apoios suplementares. Sentia-me órfão de escola. O meu rendimento estremeceu durante todo o primeiro trimestre. Depois... fui recuperando como se fizesse fisioterapia à massa encefálica. O chamado exame de 2º grau aproximou-se rapidamente. A 28 de julho de 1956, quinze dias após o encerramento oficial das escolas, fomos até à cidade de Angra fazer as provas correspondentes na Escola Infante D. Henrique, ao Alto das Covas.

Fomos seis a exame. Com alunos de outras freguesias, enchemos uma das salas destinadas à prova escrita. Após o almoço, seguiu-se a prova oral. Às cinco horas da tarde, o diretor da escola veio ler a classificação do exame por aluno. Era-se aprovado, aprovado com distinção ou reprovado. Fui aprovado com distinção e com direito a prémio – uma novidade classificativa.

Como lembrança desse dia, ficou a fotografia tirada no jardim de Angra, com uma máquina com explosão de magnésio, em que estou à esquerda, sentado, com sapatos emprestados. Alguns meses depois, foi-me entregue, em festa



escolar, um caixote com vinte e seis livros de prémio, o embrião natural de uma biblioteca que foi crescendo ao longo de cinquenta anos, e que vai perto da dezena de milhar.

No entanto, essa novidade classificativa foi bater na nossa pobreza sem dó nem piedade. Nesse dia à noite, meu pai disse, em reunião familiar, que, apesar da distinção premiadas, não havia hipótese de continuar a estudar – o que era uma verdade muito nua e muito crua.

Até foi bem feito. A minha vaidade de melhor aluno queimou-se que nem frango no forno. Deixei de sorrir por dentro. Durante um ano, andei a biscatar para este e para aquele. Devo ao padre da freguesia a minha ida para o Seminário. Durante sete anos andei por lá aprendendo. E pela vida fora continuei a aprender. Mas sei tão pouco. Por culpa minha claro. Quando olho para o meu passado, sinto-me tocado por uma remorsada saudade. O tempo perdido nem se deixa avistar no fundo do poço da vida. E rendo-me a esta verdade dorida: a Avó Florinda é que devia ter sido aprovada com distinção e prémio.¹

Desde cedo que se deixou levar pelo desejo de escrever. Com 14 ou 15 anos publica o seu primeiro poema e aos 16 anos de idade, ainda estudante do Seminário, "agride uma pequena plateia"² com a peça "A Arte de Pedir" de sua autoria, a primeira que encenou. "Éramos estimulados a experimentarmos, a fazermos a nossa própria escrita"³

Depois de abandonar o Seminário tem como primeiro trabalho o de desenhador de bordados regionais (1965/66), que durou até ser mobilizado para a guerra colonial. É destacado para a Guiné-Bissau onde cumpriu o serviço militar obrigatório (1967/69), tendo por funções dar escola a crianças da parte da manhã e a adultos da parte da tarde, e trabalhar na rádio oficial local. Esta passagem por Bissau, apesar de ter assumido funções menos perigosas que as de outros colegas, marcou-o profundamente, o que ficou bem expresso nas notas que en-

tão tornou e nas obras que veio a editar mais tarde, na forma de poemas e em especial no romance “Até Hoje (memórias de cão)”. Viria a referir algumas décadas mais tarde: “Não tenho muitas recordações da Guiné e custa-me muito ver como aquele povo sobrevive. É uma terra muito inóspita que apenas pode servir como ponto de passagem para os países que fazem fronteira.”⁴

De regresso à ilha, assume funções como catalogador na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo (1970/71), tornando-se depois funcionário administrativo da Comissão Regional de Estudos e Planeamento que, com o advento da autonomia, foi rebatizada de Departamento Regional de Estudos e Planeamento dos Açores (1971/1982).

Com a emergência dos partidos políticos na região, no pós 25 de Abril de 1974, foi convidado a integrar listas candidatas a eleições, mas recusou sempre envolver-se na política por não se rever na disciplina partidária que limitava a liberdade de expressão. Não obstante, mostrava ser um cidadão empenhado na produção artística que então se fazia na região e na intervenção sociocultural, quer de forma particular através dos seus escritos, como junto de inúmeras coletividades com quem acabou por desenvolver vários projetos. Acabaria por se tornar sócio efetivo de algumas destas, caso do Alpendre, do Instituto Açoriano de Cultura, do Instituto Histórico da ilha Terceira, da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia e outras.

Em 1975 leciona a disciplina de Expressão Dramática na Escola do Magistério Primário onde conhece muitos daqueles que com ele haveriam de se tornar, em 1976, os membros fundadores e principais impulsionadores do **Alpendre - Grupo de Teatro**, o mais antigo grupo de teatro dos Açores em atividade, com quem esteve (quase) sempre envolvido. “O Alpendre é um projeto coletivo. Foi aquele onde melhor respirei. Aprendi tanto com todos os que estiveram comigo. Não foi um projeto fácil de criar e de desenvolver. Apareceu num tempo de grandes inquietações políticas e sociais nos Açores.”⁵

Em 1982 mudou-se para a Direção Regional da Cultura, onde trabalhou durante cerca de três décadas em atividades ligadas ao movimento editorial deste departamento, como técnico especialista nas áreas das letras, teatro e artes-plásticas. Dinamizou a coleção literária Gaivota, que tinha tido o seu nº1 em 1978 com um livro de Álamo Oliveira, acrescentando outros livros nas décadas de 80 e 90 do século passado, até um total de 82 obras, dando a conhecer escritores açorianos, uns mais consagrados e outros ainda desconhecidos do grande público, que começavam a dar os primeiros passos. Teve aqui a oportunidade de se expressar noutras artes que não a escrita, podendo ser vista a sua intervenção com ilustrações próprias e arranjos gráficos nas inúmeras edições promovidas pela Direção Regional da Cultura, e na conceção de mais de uma centena de capas para livros, tudo isto elaborado no âmbito das suas funções profissionais.

1 In “Pisca de Gente – suplemento especial Dia do Estudante”, de 24 de março de 2013, Escola Básica Integrada da Praia da Vitória.

2 Casa Santa, mimosa... Olhares sobre o Seminário de Angra 1950-1970, p. 130.

3 “O Meu Coração É Assim”, catálogo da exposição comemorativa dos 75 anos de Álamo Oliveira, p. 22.

4 Jornal “Diário Insular” de 28 de agosto de 2011.

5 Jornal “Diário Insular” de 21 de março de 2013.

Aposentou-se em dezembro de 2001. Entre 2002 e 2010 foi colaborador da Direção Regional das Comunidades. Depois, e até 2025, continuou a criar e a ajudar outros a criar.

Foi um dos escritores açorianos mais divulgados internacionalmente, apesar de nunca ter deixado de viver na ilha onde nasceu. Andou muito pela diáspora e por países europeus. Saiu do Raminho, vindo morar para Angra, mas até nesse período esteve ligado à freguesia participando nas atividades de teatro ou regendo o Grupo Coral do Raminho, que acompanhou numa visita à ilha da Madeira em 1990, de que resultou uma crónica a que chamou *A Madeira é um jardim*. Acabou por regressar e dinamizar a cultura na sua freguesia natal, contribuindo para o sucesso de muitas iniciativas que aí aconteceram.

O seu nome figura nas obras: *O Grande Livro dos Portugueses - 4000 personalidades em texto e imagem* (1990) e na *Larousse: Encyclopédia Moderna* (2012), embora esteja ainda omissa no projeto Encyclopédia Açoriana da Direção Regional da Cultura.

O ESCRITOR

Disse Diniz Borges que Álamo Oliveira não era apenas um nome das letras açorianas, mas uma ilha inteira em movimento, um vulcão ativo em constante criação, um arquipélago que escreve num oceano da literatura portuguesa.⁶ Álamo Oliveira é hoje um dos principais nomes da literatura açoriana contemporânea, alguém que nos apresenta um mundo onde a dignidade humana está presente e floresce. Começou a construir muito novo o seu nome, assinando primeiro como Jota Álamo, Pedro de Brancura, J. Henriques e José Henriques Álamo e por fim Álamo Oliveira, nome pelo qual todos o identificavam.

Dizia Álamo: “Não sei escrever sobre o que não conheço”. Escritor de muitos géneros foi descrito como um “artesão da palavra”, cuja criatividade e sensibilidade o levavam sempre a produzir algo de novo e único. A passagem pelo Seminário, a experiência da guerra, a experiência profissional, a sua natural inquietação insular estão presentes na sua escrita, que mostra a preocupação, ou necessidade, em discorrer sobre essas e outras questões sociais. Entre os muitos temas que percorre, a emigração é exemplo de realidade social que ocupa lugar central em muitos dos seus trabalhos.

Como poeta, romancista, contista, novelista, letrista, ensaísta e dramaturgo, publicou cerca de 40 obras, algumas das quais foram alvo de teses de mestrado e doutoramento, e outras traduzidas para o inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

Os seus textos foram incluídos em antologias oficiais de apoio ao ensino de português nas escolas da região e os seus romances *Até Hoje - Memórias de Cão* (1986) e *Já não gosto de chocolates* (1999) serviram como base a trabalhos académicos em faculdades dos Estados Unidos e Brasil;

POESIA

Longe de ser um *poeta popular*, sobre a sua poesia “alamiana”, como a denomina Victor Rui Dores, diz-nos este: “É autor de difícil catalogação, pois que em nenhuma estética e em nenhuma ideologia se entrincheirou. [...] Este autor terceirense sempre esteve na linha da frente das preocupações da moderna poesia portuguesa. [...] Poeta de agudíssima sensibilidade e de apreciáveis recursos sensoriais, soube situar-se entre uma tradição literária e poética, e uma renovação

dessa mesma modernidade. [...] Trata-se de uma poesia que combate a simplificação hipócrita da vida e busca decifrar o enigma dos dias. E mergulha no lado de lá da verdade ilusória, denunciando e renunciando, agindo, reagindo, sonhando, pensando e sentindo.”⁷

Álamo Oliveira publica os seus primeiros poemas na imprensa regional, com 14 ou 15 anos, no jornal *O Dever* da ilha do Pico. Depois, a 28 de maio, 18 de junho e 30 de julho de 1963 publica respetivamente os poemas “Folhas Caídas I”, “Folhas Caídas II” e “Folhas Caídas III” no jornal *Correio da Horta*, onde assina como J. Henriques. Lança o opúsculo de 4 páginas intitulado A minha mão aberta em 1968, quando ainda estava na Guiné-Bissau, que assina como Jota Álamo. As suas obras de referência começariam a surgir na década seguinte. Em 1969 lança África-mim e Outras Raízes, o seu primeiro livro, que reuniu poemas escritos em tempo de guerra.

Recebeu o prémio *Rosa de Ouro* por ter ficado em primeiro lugar nos Jogos Florais das Festas da Cidade de Angra do Heroísmo de 1970, na categoria de poesia (modalidade de composição livre), com o poema “Mãe Negra” e em 1971 lança no palco da Fanfarra Operária o livro *Pão Verde* prefaciado por Natália Correia. Ainda em 1971 grava no Rádio Clube de Angra poemas seus e de outros autores, que eram posteriormente transmitidos com assinalável êxito no programa Portugal-Brasil em Providence (EUA). Lança depois, como edição de autor: *Poemas de(s)amor* (1973), *Fábulas* (1974), *Os quinze misteriosos mistérios* (1976), *Cantar o Corpo* (1979) e *Eu fui ao Pico piquei-me* (1980).

Em 1982, estando já Álamo Oliveira como funcionário da Direção Regional da Cultura, lança o seu primeiro livro de poesia com um editor institucional: *Itinerário das Gaivotas*. Depois surge em 1983 a obra, em parceria com outro autor, *Nem mais amor que fogo*, um livro que inclui os títulos: “Objectos das Palavras” de Álamo Oliveira e “19 feitos da casa” de Emanuel Jorge Botelho.

Em 1984 é lançado *Triste vida leva a garça*, uma compilação que reúne a poesia do autor até esta data, e em 1986 a obra *Textos inocentes* num estilo de prosa poética mais crítica e nesse mesmo ano a antologia *5 poetas sem arpão* com poemas de Álamo Oliveira, Emanuel Félix e Fazil Husnu Daglarca e gravuras de David de Almeida. Lança depois *Erva-Azeda* (1987), *Impressões de boca* (1992) e *António, porta-te como uma flor* (1998) em que Álamo Oliveira recorda postumamente o pintor António Dacosta dedicando-lhe este livro ilustrado com gravuras de Dacosta.

Em 2000 figura na obra *Memórias de ilha em sonhos de história* com poemas alusivos a monumentos e espaços públicos, que se juntam às aguarelas de Álvaro Mendes. Em 2001 repetiria a experiência com *Cantigas do fogo e da água*, novamente com aguarelas de Álvaro Mendes, sobre os Impérios da ilha Terceira.

Em 2003 surge *O meu coração é assim*, uma compilação com excertos de todos os géneros a que Álamo Oliveira se dedicou até esta data, e em 2010 é lançada *Andanças de pedra e cal*, uma nova coletânea de poesias sobre diversos lugares do seu mundo.

A Junta de Freguesia em 2015 edita *Raminho dos Folhadais*. Em 2020 é lançado *Poemas vadios*, e em 2021 é publicado *Quadras silvestres* e o livro *Versos de todas as luas*, uma compilação que reúne quase toda a sua obra poética. Em 2023 é lançado o livro *Through the Walls of Solitude - Se-*

lected Poetry, uma coletânea de 80 poemas selecionados e traduzidos por Diniz Borges que foi uma das 3 obras finalistas do 43º Northern California Book Award.

OBRA FICCIONAL

O conto, a novela, o romance, foram formas que Álamo Oliveira usou para contar histórias, e embora não fosse a sua forma de expressão preferida, não deixou de se notabilizar também aqui, com alguns romances reconhecidos pela crítica como de suprimento e beleza. Terá sido, no entanto, o conto “Na porta do regresso” assinado com o pseudónimo Pedro de Brancura no jornal “A União” de 14 de abril de 1972, o primeiro registo publicado que encontramos deste género literário. Seguiram-se vários contos em publicações diversas até à publicação em 1982 de *Burra preta com uma lágrima*, a primeira grande obra ficcional do autor, uma novela que se situa nos conturbados anos do pós-revolução do 25 de Abril de 1974, traduzida mais tarde para a língua francesa.

Em 1986 com *Até Hoje (Memórias de Cão)* recebe o prémio “Maré Viva” na modalidade de ficção narrativa da Câmara Municipal do Seixal em colaboração com a Associação Portuguesa de Escritores. Além da distinção o prémio tinha o valor monetário de 85.000 escudos. Neste romance Álamo Oliveira escreve sobre algo que parecia impensável para a época: um amor homossexual em cenário de guerra colonial.

Publica em 1991 *Contos com desconto*, uma coletânea de 9 contos, e em 1997 outra coletânea de 11 contos intitulada *Com perfume e com veneno*. Seguiram-se os romances *Pátio d'Alfândega Meia-Noite* (1992) e *Já não gosto de chocolates* (1999), uma obra marcante que trata do fenômeno da emigração açoriana para os Estados Unidos da América, com edição traduzida para o inglês em 2006 e para o japonês em 2007. Seguiu-se *Murmúrios com vinho de missa* (2013), um romance inquietante e complexo sobre temas difíceis como a pedofilia na Igreja, o envelhecimento e o desejo. Em 2014 chega-nos *Marta de Jesus (a verdadeira)*, um romance onde se percebe que a inspiração bíblica serviu apenas para construir uma nova história. Seguiu-se depois o lançamento das obras: *Estória de Nata* (2015), *Contos contados* (2019) e *Contos d'América* (2020). Os seus dois últimos romances foram *O sábio da Miragaia* (2021) e *Os belos seios da serpente* (2024).

DRAMATURGIA

A expressão dramática foi um género artístico que acompanhou sempre Álamo Oliveira, que considerava a escrita para teatro como aquela que lhe era “mais apaixonante”. Foi autor e tradutor de textos para teatro, foi ator, coreógrafo e encenador de mais de 100 peças, foi diretor artístico, cenógrafo, aderecista e figurinista, concebeu cartazes, pórticos e programas e foi ainda crítico de teatro. Neste trajeto houve peças publicadas, outras apenas encenadas e outras que simplesmente não chegaram aos palcos. De todas elas damos destaque a apenas algumas, referindo a data em que foram apresentadas ou publicadas.

6. Diniz Borges in "o Arquipélago e o Mundo – 90 anos de álamo Oliveira". Portuguese Times. <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10237865908406319&set=a.10207236040198757>

7 Victor Rui Dores, Poesia reunida de Álamo Oliveira, FILAMENTOS, Artes e Letras na Diáspora Açoriana, p. 16 <https://cah.fresnostate.edu/documents/filamentos-ed4.pdf>

Começou bastante novo com *A Arte de pedir* (1961)⁸, e *Deixaí voar os Pássaros* (1962), peças dactilografadas e encenadas por Álamo Oliveira durante o período em que esteve no Seminário de Angra, que nunca foram publicadas. Depois de regressar do ultramar voltou à dramaturgia, escrevendo dezenas de textos: *Um Quixote* (1973); *Morte ou vida do poeta* (1974); *Uma flor na lama* (1975); *Há macacos na cidade* (1972), uma peça publicada em stencil; *Uma hortênsia para Brianda* (1981); *Ninguém deve saber que morremos de medo* (1976 ou 77); *Manuel, seis vezes pensei em ti* (1977); *Missa terra lavrada* (1984); *Sabeis quem é este João?* (1984); *Mensagem de mestre Gil ao Alpendre e seu teatro* (1986), monólogo representando no Salão Nobre da CMAH; *Os sonhos do Infante* (1995); *Morte que mataste lira* (1999), espetáculo musical com registo sonoro em dois discos (CDs), com música e interpretação de Carlos Alberto Moniz, cujo lucro da venda reverteu a favor do povo de Timor Lorosae; *A solidão da Casa do Regalo* (2000), peça de teatro que recebeu o Prémio de Teatro Almeida Garrett em 1999; *Almeida Garrett – Ninguém* (2000); *Bocas de mulheres* (2005), com estreia absoluta no congresso “A vez e a Voz da Mulher” em Berkeley, publicado em 2020; *Quatro prisões debaixo de armas* (2012), teatralização de um conto de Nêmesio com o mesmo nome e de um segundo: “O Quadrado”; São poucos os escolhidos (2012), texto escrito para celebrar os 150 anos do Seminário Episcopal; *Já não gosto de chocolates* (2016), adaptação do romance do próprio a teatro e *Enquanto a roupa seca* (2020).

Depois de ter ajudado a fundar o *Alpendre - Grupo de Teatro*, com sede em Angra do Heroísmo, procurou formação na área da expressão dramática, fazendo em 1978 um Curso de Expressão Corporal e Mímica em Marly-le-Roi, em França. Em 1982 faz um curso de iniciação teatral em Lisboa e em 1983 participou no *II Encontro Nacional de Expressão Dramática na Educação* e frequentou o ateliê de Gisèle Barret em Lisboa. Manteve-se ligado a este grupo, de que foi corpo e alma, desempenhando um diversificado conjunto de funções e ocupando diversos cargos nos órgãos sociais durante mais de duas décadas. A exceção foi o ano de 1983 em que anuncia a sua desvinculação a este projeto, desgostoso com a então “falta de projetos culturais” e “indisciplina mental” do grupo, afirmando que “o teatro só pode resultar quando cada indivíduo o fizer por um ato de vontade própria, assumido sem reservas”⁹. Após este abandono é contratado pelo encenador Leandro Vale, do Teatro em Movimento, tendo na ocasião montado a peça *Não se paga! não se paga!* de Dario Fo. No final desse ano encenou também a peça *Ana Kleiber* de Alfonso Sastre com outro grupo terceirense de teatro denominado Os Reis. Depois encenou com o grupo de teatro do Seminário Episcopal *A Ceia dos Cardais* de Júlio Dantas e conseguiu ainda na freguesia do Raminho reunir um grupo local para levar à cena uma adaptação de *A Túnica* de Lloyd C. Douglas. Em 1984 voltou à Direção do Alpendre, encenando *Quem quer comprar este povo?* do italiano Andrés Lizarraga.

Hoje seria muito difícil listar todos os espetáculos teatrais em que esteve de alguma forma envolvido, pelo que destaca-

mos apenas: *Guerras de Alecrim e Manjerona*, adaptado (1976); *Manuel, seis vezes pensei em ti*, do próprio (1977); *O Auto da Justiça* (1980); *Missa terra lavrada, do próprio* (1984?); *A Segunda vida de Francisco de Assis*, de José Saramago (1989); *A Cantora Careca*, de Eugène Ionesco (1991); *Anthero, às vezes rei nalguma ilha*, recital comemorativo do I centenário de Antero de Quental e do 15º aniversário do Alpendre Grupo de Teatro (1992); novamente *A segunda vida de Francisco Assis*, de José Saramago (1992); *A ceia dos Cardais*, de Júlio Dantas (1993?); *Os sonhos do Infante*, do próprio (1995); *O Rei está a morrer*, de Eugène Ionesco (1993); *Jaques e seu amo*, de Milan Kundera (1996); *Com sapatos de defunto* (1998); *Morte que mataste lira*, do próprio com Carlos Alberto Moniz (1999); *Almeida Garrett – Ninguém*, de Álamo Oliveira (1999); *Os rústicos, de Goldoni* (1999); *Judite, nome de guerra*, de Almada Negreiros (1999? ou 2002?); *Quatro prisões debaixo de armas*, do próprio (2001); *Enquanto a roupa seca*, do próprio (2010) e muitos outros.

Entre 1997 e 1999 lecionou a disciplina de Expressão Dramática na Escola profissional da Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo, no curso de Animador Sociocultural. Em 1998 é-lhe atribuído o estatuto de Sócio Honorário do Alpendre- Grupo de Teatro e em 2021 surge no Raminho o grupo de teatro Pé-de-Milho, uma ideia que envolve Álamo Oliveira, que se tornou encenador do mesmo.

REPRESENTAÇÃO EM OBRAS COLETIVAS

Além de muitos outros poemas, contos e ensaios dispersos por jornais e revistas, cuja listagem seria demasiado extensa para estas páginas, Álamo Oliveira está também representado em dezenas de antologias, ou coletâneas, em Portugal e no estrangeiro, com a sua poesia, ficção narrativa ou depoimentos, de que apresentou aqui uma símula:

O Corpo da Pátria - Antologia Poética da Guerra do Ultramar 1961-1971 (1971), organizado por Pinharanda Gomes, representado com dois poemas; *14 poetas de aqui e de agora* (1972), representado com um poema; *Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975* (1977), organizado por Pedro da Silveira; *Antologia panorâmica do conto açoriano, sécs. XIX e XX* (1978), organizado por João de Melo, representado com um poema; *Antologia Poética dos Açores* (1979) organizado por Ruy Galvão de Carvalho, representado com oito poemas; *Queima das Fitas* (1982), organizado por Fernando Pinto Ribeiro, representado com um poema; *The Sea Within, a selection of Azorean poets* (1983), organizado por Onésimo T. Almeida, representado com dois poemas; *Sempre disse tais coisas esperançado na Vulcanologia* (1984), organizado por Emanuel Jorge Botelho, representado com seis poemas]; *Poemabril - Antologia Poética* (1984), organizado por Carlos Loures e Manuel Simões, representado com dois poemas; *Açores-poetas* (1984), organizado pela Secretaria Regional da Educação e Cultura para oferecer aos participantes da II Conferência das Regiões Insulares Europeias do Conselho da Europa, representado pelos poemas “The (unknown) hero's fable” e “Dans ma maison de champagne”; *O Trabalho: antologia poética* (1985), organizado por Armando Cerqueira, representado com o poema “Horas de Sal e vinagre”; *Cruzeiro com bandeira desfralda / por nove poetas e um tradutor* (1985), dossiê constituído por 8 folhas soltas, representado com o poema “Sinbad e a baleia”; *Os anos da Guerra* (1988), organizado de João de Melo, representado com a crónica “Destino:

8 Sobre esta que foi a sua primeira peça, escrita e encenada tinha ele 16 anos, Álamo Oliveira diria mais tarde “Foi um pouco complicado, porque ninguém percebeu a peça. Era um tanto surrealista.” Jornal “Diário Insular” de 17 de junho de 2020.

Guiné”; *Malvís* (1991), com dois poemas traduzidos para castelhano por Antón de Castro; *Svetovej Literatúry* (1998), revista eslovaca que num dos números traz um poema de Álamo Oliveira traduzido para eslovaco; *Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea* (1999), organizado por Eduardo Bettencourt Pinto, representado por dois poemas; *Açores xx3 x 20: 20 pinturas, 20 poemas, 20 melodias* (2003), organizado por António Manuel Machado Pires; *On a Leaf of Blue* (2003), organizado por Diniz Borges, representado por cinco poemas em português e um em inglês; *Nem sempre a saudade chora: antologia de poesia açoriana sobre emigração* (2004), organizado por Diniz Borges; *Caminhos do mar: antologia poética açoriano-catari-nense* (2005), organizado por Lauro Junckes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt; *De palavra em punho: antologia poética da resistência: de Fernando Pessoa ao 25 de Abril* (2006), organizado por José Fanha, representado com a “Cantiga da resignação”; *Pontos luminosos* (2006), organizado por Diana Pimentel, representado com dois poemas; *Voices from the islands: na anthology of azorean poetry* (2007), organizado por John M. Kinsella, representado com o poema “Duas Quadradas de mar”; *Açores, Europa* (2010), organizado por Onésimo T. Almeida, representado por quatro poemas; *Passos de nossos avós* (2010), organizado por Aida Baptista e Manuela Marujo, representado com um dos seus contos; *Antologia da Memória poética da Guerra Colonial* (2011), organizado por Roberto Vecchi e Margarida Calafate Ribeiro, representado com 2 poemas; *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* (2012), organizado por Helena Chrystello e Rosário Girão, representado com excertos de vários tipos de produção literária; *Coletânea de Textos Dramáticos de autores açorianos* (2013), organizado por Helena Chrystello e Lucília Roxo, com extratos de peças de teatro assinadas por cinco escritores açorianos, um dos quais Álamo Oliveira com *Missa Terra Lavrada, Manuel seis vezes pensei em ti e A Solidão da Casa do Regalo; Casa Santa, Mimosa... Olhares sobre o seminário de Angra 1950-1970* (2014), organizado por Artur Goulart Melo Borges, Olegário Sousa Paz, Onésimo Teotónio Almeida; *O Conto literário de temática açoriana* (2015), organizado por Mónica Serpa Cabral; *N9ve* (2017), organizado por José Andrade, representado com o poema “Terceira Bem Amada”; *Açores - Porto Alegre* (2018) organizado por António Soares, Líduíno Borba e Sérgius Gonzaga representado com um dos seus contos; *Viagens* (2020), representado com o texto “Outros Alascas”; *Avenida Marginal* (2022), organizado por Maria Helena Frias; *Antologia de Humor Açoriano – O humor na literatura açoriana* (2024), organizado por Helena Chrystello e Aníbal C. Pires;



ENSAIOS, REFLEXÕES E OUTOS TEXTOS

Escreveu biografias, analisou a obra de reconhecidos autores de seu apreço, fez crónica e crítica literária, publicou apontamentos e reflexões sobre matérias bastante diversas que lhe suscitavam maior preocupação e escreve ainda um conjunto diversificado de outros textos, alguns dos quais para figurar em obras com outros coautores, com destaque para o chamado “álbum fotográfico”.

Em 1978 escreveu o ensaio *Almeida Firmino: poeta dos Açores*; em 1982 fez a *Abordagem (teatral)* a “Quando o mar galgou a terra”, obra de Armando Côrtes-Rodrigues. Escreveu textos para obras como: *Em louvor do Divino Espírito Santo: fotomemória* (1983) e *Açores = Azores* (1988). Em 1985 escreveu um folheto de 6 páginas sobre o Sport Clube Marítimo. Em 1995 lança *Olá pobreza! textos de pompa e circunstância*, em que referiu preocupações para com os desfavorecidos e retrata

tou quadros de moralidade e solidariedade. Participou em *Es-
pírito nas ilhas = spirit in the islands* (2001) e *Angra, Cidade do
Mundo. Sanjoaninas 2002* (2003). Em 2006 falou de *A Procis-
ão dos Abalos* repetindo o tema em 2015. Escreveu textos
para as obras: *Açores profundos = Profound Azores* (2007),
Terceira, uma ilha sempre em festa (2007), *O ciclo do Espírito
Santo = The Holy Ghost Cycle* (2007), *Terceira, a ilha dos Im-
périos = Terceira Impérios Island* (2008). Em 2012 fez a biogra-
fia ao cantador popular Manuel Caetano Dias, conhecido por
“Caneta” em *Caneta de tinta permanente na poesia popular*;
em 2014 uma nova biografia, desta feita do conhecido empre-
sário e benemérito da comunidade de Tulare Batista S. Vieira:
construtor de sonhos e realidades; em 2015 escreveu sobre
o seu amigo e conterrâneo *Eduíno Ornelas: romance de um
cantador*; em 2017 lançou a biografia *José Pereira: Cantador
de Causas e de Casos* e também *Lúcia Noia: menina e moça
do coração = Free-spirited and young at heart*. Em 2020 es-
creveu o ensaio sobre arte *Telas & Cores* e em 2021 é publi-
cado o conjunto de ensaios *Caderno das Letras*.

No entretanto, escreveu textos açorianos para apoio ao
ensino do português do curso unificado, designando-os de:
Chamam a isto vida, Manuel chama-lhe folclore; escreveu para
a Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura “entradas” como a
que trata de *Eduíno de Jesus*; escreveu também textos para
bandas desenhadas, ilustradas por outros, numa missão da
Direção Regional da Organização e Administração em moder-
nizar e desburocratizar, como: *A história da Belárvore na cida-
de da Burocracia* (1994), *E choveu papel* (1995), *João Formiga
e João Cigarra* (1996).

ARTIGOS E ENTREVISTAS

Criou e coordenou vários suplementos culturais, páginas li-
terárias e cadernos temáticos. O primeiro que compôs foi o
“Acidente” no jornal *A União*, que se publicou entre 24 de
dezembro de 1971 e 21 de abril de 1973, num total de 6 nú-
meros. A 14 de novembro de 1979 iniciou a publicação do
“Quarto Crescente” no jornal *A União*, que durou até 18 de
fevereiro de 1993, num total de 300 números. Quando este
deixou de ser editado, iniciou a publicação de “Vento Norte:
suplemento de artes e leturas” no jornal *Diário Insular*, que du-
rou de 18 de fevereiro de 1993 até 24 de março de 2011, num
total de 450 números. Entre 2007 e 2010 coordenou a revista
“andarILHAgem” da Direção Regional das Comunidades. Em
2013 coordenou com Vamberto Freitas o suplemento literá-
rio “Artes & Letras” do jornal *Terra Nostra* e em 2014 outro
suplemento literário mensal, também com a denominação de
“Artes & Letras”, mas do jornal *Açoriano Oriental*. Publicava
também em vários suplementos literários coordenados por
outros, como o “Glacial” de Carlos Faria no jornal *A União*, o
“Contexto” no jornal *Açoriano Oriental* ou no “Artes e Letras”
do *Diário Insular*.

Nestas e noutras publicações periódicas, com particular
destaque para as revistas e jornais locais, Álamo Oliveira terá
escrito algumas centenas de artigos sobre variadas temáticas.
Alguns desses artigos resultaram de entrevistas que realizou
a individualidades como Pedro da Silveira, Eduíno de Jesus,
Rogério Silva e outros. Tão extensa é essa lista, que se torna
impossível registá-la neste artigo, apesar de ser elevado o in-
teresse de algumas dessas reflexões, com títulos como: *O ce-
nário de uma geração, Restrições da escrita na ilha, À procura
da noção de ilhéu, A emigração para a América no “Cancio-*

neiro Geral dos Açores”, Que teatro no Ensino Secundário? e
muitos mais.

LETRISTA

Álamo Oliveira escreveu também letras para canções, mar-
chas, hinos, óperas e muito mais. Muitas dessas palavras
escritas, com grande virtuosidade estilística, fonte de alegria,
de reflexão, e por vezes da presença de um humor inteligente,
fizeram-se ouvir nos palcos e nas ruas, cantadas por artistas
ou pelo povo.

O ano de 1974 marcaria a estreia de Álamo Oliveira como
autor de letras para *Marchas de São João*, algo que anos mais
tarde viria a referir como “das coisas mais divertidas que uma
pessoa pode fazer”. Fê-lo quase sempre em parceria com o
seu amigo Carlos Alberto Moniz responsável por musicar as
suas letras. Neste ano de 1974 fazem juntos o *Hino da Festas*,
mas Álamo Oliveira iria ainda escrever as letras para a *Marcha
Oficial* nos anos de 1984, com o tema “*Angra – Mulher des-
te povo*” com música de Artur da Fonseca, que foi executada
nessas Sanjoaninas por seiscentos músicos das diversas filar-
mónicas da ilha, e nos anos seguintes de 1986, 1987, 1989
a 2004, 2011, 2019, 2021 e 2022. Algumas destas marchas
foram alvo de registo sonoro, sendo que nas Sanjoaninas de
1999 foi editado um CD a comemorar os 25 anos de com-
posição da dupla Álamo Oliveira e Carlos Alberto Moniz, para
marchas para as festas. Em 2008 escreveu o sketch musical
“*Entrega do burgo da cidade do Porto*”, com música de Antero
Ávila, para o desfile do cortejo de abertura das Sanjoaninas.
Fez a letra de marchas para muitos outros grupos, como
por exemplo para o Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, os
Forcados, a Associação de Dança Desportiva dos Açores e,
com particular destaque, para a *Marcha dos Veteranos* que se
estreou em 1999 e que contou quase em exclusivo com a sua
colaboração na composição das letras, tendo Álamo Oliveira
chegado a ensaiar a marcha nalguns anos e desfilado com a
mesma, em local de destaque, no ano em que esta o home-
nageou e a Carlos Alberto Moniz.

Álamo Oliveira escreveu também várias cantigas e enre-
dos para *danças e bailinhos de Carnaval*.

Em 2008 a Direção Regional da Cultura encomendou
uma *cantata monumental* a Álamo Oliveira e Carlos Alberto
Moniz para assinalar os 25 anos da classificação da cidade
de Angra do Heroísmo como Património Mundial da Humanida-
de. A peça musical e poética, destes dois artistas terceirenses,
de cariz mais erudito foi estreada a 10 de dezembro de
2008 na Igreja de Nossa Senhora da Guia (Museu de Angra
do Heroísmo). Contou com o pianista João Vasco de Almei-
da e uma orquestra de 46 músicos da ilha Terceira e de Lis-
boa, com as vozes de Helena Vieira (soprano), Juliana Mauger
(meio-soprano), Marcos Santos (tenor) e Rui Baeta (barítono)
e com o Coro Pe. Tomás Borba da AMIT, com o Coro Tibério
Franco, com o Orfeão da Praia da Vitória e com o Coro da Es-
cola Básica e Secundária Tomás de Borba. A direção musical
de Carlos Alberto Moniz

A ópera *Boas Festas, Senhor Nata!* com música original
de Antero Ávila e libreto inédito de Álamo Oliveira, foi enco-
mendada pela Direção Regional da Cultura no âmbito da sua
Temporada Cultural 2021, e realizada em parceria com o pe-
louro da cultura da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.
Exibiu-se com grande sucesso no Teatro Angrense nos dias
17/18 de dezembro de 2021. É um apelo a que cada um de

nós não se demita das suas responsabilidades de construir um mundo de justiça, de paz e felicidade para todos.

Foram apresentados dois espetáculos do ballet *O Amor Sabe Nadar*, a 2 e 3 de abril de 2023, numa parceria da Direção Regional dos Assuntos Culturais e Câmaras Municipais de Angra do Heroísmo e Praia da Vitória. O bailado baseava-se numa história original de Álamo Oliveira, com música também original de Gualter Silva, em torno de Jacinto e do seu amor Luassol, onde a temática marítima se impunha e a dramaturgia ganhou forma através dos corpos dos dançarinos que reproduziam o mar, a amizade, o amor, a beleza e o etéreo.

Em 21 de julho de 2024 volta a ser apresentado no Teatro Angrense o ballet *A Cidade do Amor*, com guião de Álamo Oliveira, música de Gualter Silva, pelos bailarinos da Escola Artística de Dança do Conservatório Nacional e com a participação do Coro Pe. Tomás de Borba da Academia Musical da Ilha Terceira. De uma onda surge a jovem Angra, que assiste maravilhada à evolução e crescimento da cidade. Entre grandes festas, marchas, touradas e danças de Carnaval, o capinha e o mestre de dança surgem e agitam o coração da jovem Angra que, encantada, procura encontrar o seu amor.

Fundado a 26 de maio de 1975 o TAC comemorou o seu 50º aniversário em 2025, celebrando a data com a estreia do *Hino do Terceira Automóvel Clube*, com letra de Álamo Oliveira, música de Antero Ávila e interpretação de Carla Rosado. Tanto quanto sei terá sido este o último projeto público para o qual Álamo Oliveira terá contribuído.

Foi também letrista de muitos outros poemas com o propósito de serem musicados como canções. Em 1979 escreveu a letra *O povo todo*, musicada por Carlos Alberto Moniz, com que Maria Aurora venceu o Festival da Canção Açoreana. Em 1981 integrou o júri de Angra do Heroísmo no Festival da Canção RTP. Fez ainda letras para projetos também diversificados como fados cantados por Fábio Ourique; a canção "Tulare" interpretada pelo grupo Bel Cantus; em 1980, o tema *Ficas desde já convidado*, com que a equipa que representou Angra do Heroísmo participou no programa da RTP "Prata da Casa"; em 1983 escreveu o poema *Canção para José da Lata* musicada por Carlos Alberto Moniz que concorreu ao Festival da Canção de 1986; a canção *Esta Noite* musicada por Dionísio Costa e apresentada com outras no Concerto de Ano Novo organizado em 2013 pela Câmara Municipal da Praia da Vitória. Em 2017 escreveu *Navegar no teu corpo*, com música de Carlos Aberto Moniz.

PREFACIAÇÃO DE LIVROS E CATÁLOGOS

Ao longo da sua vida foi convidado a rever, prefaciar obras de muitos autores amigos, ou conhecidos, que apreciavam as suas capacidade literárias. Prefaciou catálogos de exposições de artistas como Deodato Sousa ou Rogério Silva (1970) e inúmeros livros de entre os quais podemos citar: *Narcose (obra poética completa)* (1982), de Almeida Firmino, apresentando um estudo bio-bibliográfico a que chamou: Nota de abertura ou Almeida Firmino, um poeta a recuperar; *Lado oculto: poesia* (2005), de José Carlos Ferreira; *A justiça da noite na Ilha Terceira* (2006), de J. H. Borges Martins; *João Ângelo: o mestre das cantorias* (2008), de Líduíno Borba; *Cem anos Sem Ti* (2012), de Luciano Cardoso; "Ontem" era assim (2014), de Adelino Paim Andrade; *Terra Lavrada de Trigo 1900-1950* (2015), de Alisalda Pacheco; *Um homem de contradições* (2022), de Dimas Simas Lopes.

COMUNICADOR

Álamo Oliveira era um comunicador que intervinha sempre que julgava importante manifestar a sua opinião, ou quando era solicitado a dá-la. Não só através dos seus escritos mas noutras formatos, para satisfazer inúmeras solicitações que Organizações nacionais e estrangeiras lhe faziam.

ENTREVISTA

Quando a Cultura era tema de notícia nas páginas dos jornais era frequente as redações contatarem Álamo Oliveira para comentar. Entre as várias entrevistas dadas à comunicação social encontra-se: "Angra nunca mais foi a mesma depois do sismo" (2020), ao Diário Insular; "Álamo Oliveira: açoriano e cidadão do mundo" (2004), concedida a Tibério Cabral para a revista Azorean Spirit, e muitas outras entrevistas do momento sobre temas diversos, como o Carnaval terceirense, aquela que Álamo dizia ser a "mais genuína manifestação de teatro popular na ilha". Aquando das festas Sanjoaninas era também frequente ver-se Álamo Oliveira ser entrevistado no adro da Sé.

PALESTRANTE

Foi orador em palcos de congressos, em semanas culturais, em várias sessões solenes de cerimónias inaugurais ou de aniversário de coletividades locais como no caso do aniversário da Cidade de Angra em 2017, mas também em eventos de homenagem a individualidades ligadas à cultura, como no caso de António Dacosta e outros. Ficam aqui alguns títulos de intervenções que fez: "Verdade: compromisso social" (1971), na 1ª Semana de Cultura Popular do Raminho; "Liberdade de Expressão, Sociedade, Poder e Direito à Diferença" (1989), nas III Jornadas Literárias dos Açores; num simpósio em Tulare sobre "Língua Portuguesa e Cultura Popular e Açoriana" (1993); entre 1990 e 2002 participou nas doze edições do simpósio "Filamentos da Herança atlântica", tendo sido um dos oradores em 2000 com o tema "Califórniias perdidas/Califórniias encontradas"; em 2004 foi orador convidado no I Encontro de Jovens Criadores, realizado em Angra do Heroísmo; em 2007 apresentou "Cultura e Globalização" na I Semana Cultural do Ramo Grande; participou no Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo, com a comunicação "Padre, Filho, Espírito Santo e o futuro" (2010); no I Encontro das Tradições Açorianas com "Diferença entre um bailho do século XIX e um grupo de folclore - o representar e o criar" (2012); em várias edições dos Congressos da Lusofonia, de que são exemplos comunicações como "Manuel Ferreira Duarte, escritor do Pico" (2018), "Eduíno de Jesus, o poeta" (2019), "Um escritor açoriano Manuel Machado" (2015), "A «Kritika Puética», um texto de Urbano Bettencourt" (2017), "Dias de Melo, escritor de tema único, a baleação" (2021), "In memoriam de Norberto Ávila" (2022), "A Gastronomia na Terceira a meados do século passado" (2022) ou "João Dias Afonso - Um Senhor de múltiplos saberes" (2023).

PROFESSOR E FORMADOR

A sua faceta pedagógica esteve presente nos debates, mesas redondas e conversas em que participou, sobre temas de que era conhecedor, nas aulas que deu em escolas e academias e nos seminários e ações de formação que ministrou, nos Açores, Portugal Continental e na diáspora, para onde era chamado com regularidade, nomeadamente aos Estados Unidos



da América, Brasil e Canadá, contribuindo para a preservação da língua e cultura portuguesas na diáspora. Em abril de 2002 o Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou Álamo Oliveira, na qualidade de Escritor Convidado do Semestre, para intervir num curso de literatura que decorreu entre 12 de março e 18 de abril. Nas ações letivas que realizou começou por desenvolver o tema “As restrições da escrita numa ilha”; animou depois um debate sobre a sua própria poesia e uma leitura crítica sobre a figura da mulher no seu livro *Já não Gosto de Chocolates*, terminando com a participação num workshop sobre poesia açoriana e imigração. Foi o primeiro português a receber essa distinção.

De 12 a 14 de novembro de 2010 decorreu em Washington DC o fórum *O Ensino da Língua Portuguesa na América do Norte: Desafios e Prospectivas Para o Século XXI*, promovido pela Associação de Professores de Português dos Estados Unidos da América e Canadá (APPEUC). Álamo Oliveira foi um dos convidados realizando uma das sessões, intitulada “Utilizando a expressão teatral para o ensino da língua e cultura portuguesas”.

Em outubro de 2011 Álamo Oliveira deslocou-se a Alcâncena para participar numa sessão do Clube de Leitura daquela localidade, onde foram abordados diferentes aspectos da sua obra literária. Em novembro de 2011 participou em duas fei-

ras do livro no Brasil, em Belo Horizonte com a escritora Lídia Jorge e em Porto Alegre, e em encontros literários com estudantes universitários da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e em Brasília a convite da professora Maria Helena Martins Ribeiro da Cunha.

APRESENTADOR DE LIVROS

Foram inúmeros os livros que Álamo Oliveira foi convidado a apresentar. Era algo que fazia de forma bastante descontraída. Sendo-lhe fácil comunicar era também um ávido leitor e a sua simpatia natural impediam-no de recusar tais convites. Deixo aqui alguns dos últimos livros que apresentou: *Que paisagem apagarás* (2010), de Urbano Bettencourt; *A Lagoa dos Castores* (2011), de Francisco Cota Fagundes; *O Fogo Oculto* (2011), de Vasco Pereira da Costa; *Sonata para um viajante* (2012), de Dimas Simas Lopes; *Os Três Olhares* (2012), de Manuel Machado; *António Dacosta: A Clarividência da Saudade* (2014), de Assunção Melo; *Rapariga Celta Sentada num Javali* (2015), de Artur de Sousa Veríssimo; *A Loja do Tí Bailhão* (2015), de João e Jorge Bendito; *A Água Incendiada e Em Rosa e Sangue* (2018), de Fátima Pissarra; *Barro Vermelho – Ilha Branca* (2019), de João Bendito; *O Vento escreve de viagem. Poesia reunida* (2023), de J. H. Borges Martins.

OUTROS REGISTOS

Álamo Oliveira em 2008 participou como narrador no registo sonoro do projeto de Carlos Enes “*Terra do Bravo*” e em 1987 grava em CDs “*Amor maldito, bendito amor*” recitado pelo próprio, com músicas e arranjos de Augusto Vilaça.

Em 1987 manteve um programa semanal no Rádio Clube de Angra, às terças feiras, intitulado “A noite de Álamo Oliveira”.

O ARTISTA PLÁSTICO

Com incursões menos conhecidas do grande público na área das artes plásticas, Álamo Oliveira era de facto um desenhador e pintor dotado, tendo participado em diversas exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80 do séc. XX.

Realizou a sua primeira exposição de pintura individual em Angra do Heroísmo, na sala Recreio da Juventude de S. Pedro, em 1966, onde também estiveram em exposição os 33 números dos jornais de parede da seção da Juventude Operária Católica (JOC), de sua autoria.¹⁰ Em maio integrou a “Exposição de Artes”, uma exposição coletiva realizada a favor da Liga Portuguesa contra o Cancro. Em 1969, quando ainda estava a cumprir o serviço militar, expõem cerca de 29 obras de sua autoria, de pintura e desenho, em Bissau, tendo a inauguração da exposição sido o primeiro ato oficial de António de Spínola como Governador da Guiné. Nas décadas seguintes participou noutras exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa e Porto. Em 1970 apresentou três aguarelas numa exposição de artes plásticas integrada na 1ª Semana de Cultura Popular, no Raminho. Em dezembro de 1971 participou numa exposição de pintura na sede da Fanfarra Operária Gago Coutinho e Sacadura Cabral e ainda nesse ano participou numa exposição coletiva no Raminho, organizada pela Galeria Açoriana de Arte Gávea e em 1972 volta a expor em Angra pela mão desta mesma entidade. Em 1973 participa na exposição 20 ilustrações para 20 poemas de 20 poetas açorianos. Regista-se a curiosidade de numa exposi-

10 Jornal “A União” de 26 de novembro de 1971.

11 Jornal “Diário Insular” de 16 de março de 2014.

ção de pintura nas antigas instalações do Clube Musical Angraense, na década de 70, por ocasião das Sanjoaninas, Álamo Oliveira expôs um quadro ao qual deu o nome de “Orgasmo Veneziano” que foi comprado por um padre.¹¹ Em 1990 apresentou quatro quadros na exposição *10 Artistas de Angra*. Em 2006 participou na exposição coletiva de artes plásticas “Espírito Santo – Perpectivas”, na Galeria do Palácio dos Capitães Gerais, realizada durante as Sanjoaninas.

Podemos encontrar dispersas por coleções particulares obras de Álamo Oliveira, como: “Fome” (1979); “Salvem as hortênsias” (1980), desenho; “Pelo chão da terra, pelo amor do sol” (1982), desenho; “Casa de campo” (1995) em que incorporou na tela um dos seus poemas e a dedica ao amigo Vamberto Freitas e sua mulher; “A Pomba do Espírito (positivo e negativo)” (2006);

Como ilustrador criou mais de uma centena de capas e ilustrações para livros, de que são exemplo: logo em 1970 *Pedras Verdes* do poeta Luís de Sousa Dantas; *Fulminante* de J. H. Santos Barros; *Silêncio Vertical* de J. H. Borges Martins; *Açores-poetas* da Secretaria Regional da Educação e Cultura, *O homem que era feito de rede* de Katherine Vaz; em 1987 fez as ilustrações para o livro de João Afonso *O trajo nos Açores*; em 1994 fez os desenhos para o trabalho *Figuras de recortar: trajes tradicionais da ilha de São Jorge-Açores*; mais recentemente, em 2017, fez em parceria com Rui Melo a capa da 2ª edição de *As 18 paróquias de Angra*, de Pedro de Merelim.

Foi ele quem desenhou o bem conseguido logotipo do Comité Organizador de Festivais Internacionais da Ilha Terceira (COFIT) fundado em 15 de Agosto de 1983. Foi também Álamo Oliveira que desenhou o estandarte do Grupo Folclórico “Os Bravos”, que representa as hortênsias e o campo, que depois foi executado por elementos do grupo.

Em 1985, então na direção do Instituto Açoriano de Cultura, foi responsável por uma renovação gráfica da revista *Atlântida*.

PROMOTOR DE CULTURA

Álamo Oliveira foi toda a sua vida um dinâmico promotor da cultura popular e de uma cultura mais erudita. Conhecedor das suas raízes, por iniciativa própria ou sempre que foi chamado a colaborar em tradições e festividades populares, fê-lo com agrado e saber.

Começou em 1970 por organizar no Raminho a 1ª *Semana de Cultura Popular*, composta por palestras com oradores convidados e por uma representação teatral, repetindo a experiência em 1971.

Nas festas Sanjoaninas manteve um contributo constante ao longo de décadas. Fez parte da organização das festas assumindo com outros a responsabilidade por diversas áreas. Logo na edição de 1971 as festas contaram com a *Colaboração Artística* de Álamo Oliveira, Francisco Coelho Maduro Dias e Maria Vitorina Pereira. Em 1972 fez o discurso lido pela rainha das festas. Em 1974 fez equipa com o pe. Manuel Coelho de Sousa no pelouro dos Espetáculos e Decorações, participação que repetiu em 1984. Na edição de 1996 e de 2000 foi um dos responsáveis pela área da Cultura. Em 1997 foi um dos responsáveis pela organização dos *Cortejos e Decoração*, funções que voltaria a assumir em 1998, 1999, 2001, 2002 e 2003.

Antes de 1974 foi animador cultural na *Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho* (FNAT - futuro INATEL) promo-

vendo a descentralização e divulgação cultural, sobretudo na área do Teatro.

Em 1985 colaborou na organização do programa de atividades paralelas da 1ª Bienal de Arte dos Açores e Atlântico, evento promovido pela Direção Regional dos Assuntos Culturais. Em 1987 presidiu à 2ª Bienal e em 1989 voltou a fazer parte da organização da 3º Bienal.

Em 2005 participou em várias cidades e universidades brasileiras em encontros de escritores portugueses e brasileiros. Em 2006 participou no 2º *Congresso Internacional das Festas do Espírito Santo* em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Foi membro de Comissões Executivas de importantes organizações: em 2008 integrou a comissão organizadora do 3º *Congresso sobre as Festas do Espírito Santo*, realizado em Angra do Heroísmo; em 2009 integrou a comissão organizadora do *Encontro de Escritores, Tradutores e Divulgadores da Literatura Açoriana*, com o título “Escritas dispersas, convergências de afetos”, realizado em Ponta Delgada; em 2010 integrou a organização do IV Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo, em São José, Califórnia.

A 29 de agosto de 2014 foi inaugurada no edifício sede da Junta Freguesia do Raminho a Biblioteca Álamo Oliveira cujo espólio é constituído por cerca seis mil volumes doados pelo escritor, a que se juntaram mais alguns oferecidos pela Câmara Municipal da Praia da Vitória. Sem herdeiros diretos e com uma casa pequena para tamanha biblioteca, Álamo Oliveira fê-lo com a intenção de disponibilizar a todas as pessoas interessadas, raminhenses ou não, este tipo de valência num espaço eminentemente rural e afastado das cidades. Referiu então o doador que a biblioteca era composta de livros reunidos ao longo de uma vida. Além da consulta de livros, o espaço foi sendo dinamizado com sessões de contos e outras atividades. Também a 12 de novembro de 2017 a Casa dos Açores de Winnipeg homenageou Álamo Oliveira com o título de Sócio Honorário e com a atribuição do seu nome à sua biblioteca.

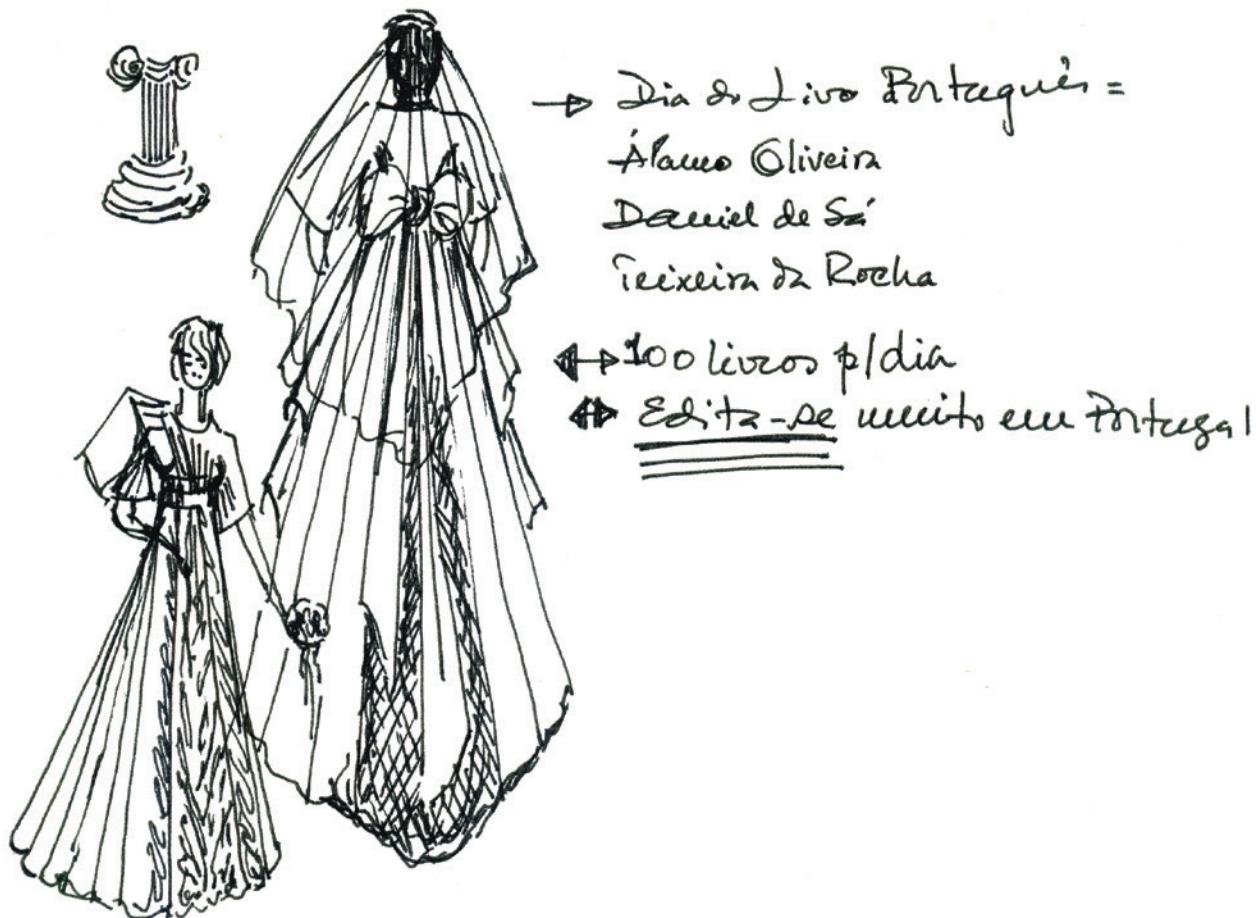
Representou a Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL) no Parlamento Europeu em Bruxelas, em outubro de 2019.

ORGANIZAÇÃO DE CATÁLOGOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS

Por inerência profissional, ou outro compromisso assumido, Álamo Oliveira foi responsável por: organizar a edição do catálogo da exposição *O presépio de esferovite: São Bartolomeu da Terceira* (1982), tendo ainda sido em 1992 o Comissário responsável pelos textos da exposição de pintura *Um olhar sobre Angra* apresentada em Tulare por ocasião do 25º aniversário da geminação dessa cidade com Angra do Heroísmo. Organizou também a publicação de obras de outros autores, acrescentando por vezes ilustrações suas, como é o caso de: *Poemas fora de casa (antologia)* (2006) de Ivo Machado; *Lava de Sentimentos* (2009) de Hélio Costa; *Algum Teatro* (2010) de Norberto Ávila; *A Paixão Segundo João Mateus* (2010) de Norberto Ávila; *O vento escreve de viagem* (2022) de J. H. Borges Martins e tantos outros.

PRÉMIOS, CONDECORAÇÕES E DISTINÇÕES

Durante a sua vida recebeu várias homenagens, algumas de



maior reconhecimento e prestígio, mas todas merecidas. Sobre este assunto disse Álamo Oliveira um dia: "As homenagens tornam sempre o ego mais pesado. E mais prezado também."¹²

Em 1999 a sua obra *Solidão da Casa do Regalo* (teatro) foi premiada pela Direção Regional da Cultura com o **Prémio Almeida Garrett/Teatro**. A 28 de abril de 2000 foi aprovada em Sessão da Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo a atribuição de **Medalha de Mérito Municipal** a Álamo Oliveira. Em 2010 foi lhe atribuída a **Insígnia Autonómica de Reconhecimento** pela Assembleia Legislativa Regional, distinguindo o seu mérito literário e artístico e por prestigiar a região na expansão da cultura açoriana além fronteiras, com o contributo dos seus atos e conduta. A 10 de junho de 2010 recebeu o grau de **Comendador da Ordem do Mérito**, atribuído pela Presidência da República nas comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Foi **homenageado** na 19ª edição do Colóquios da Lusofonia, na Maia, ilha de São Miguel, que decorreu entre os dias 15 e 17 de março de 2013. Foi **homenageado** em março de 2015 na Califórnia, pela Luso-American Education Foundation (LAEF) por ocasião do seu 39º congresso, por participar na promoção da cultura açoriana e estreitar os laços entre os Açores e as comunidades da Califórnia, tendo sido a primeira vez que concedeu esta prestigiosa distinção a alguém que não pertencia à comunidade portuguesa da Califórnia. Em 2016 recebeu o **Certificado de Reconhecimento** atribuído pela Society of Portuguese-American Studies, Tulare-Angra Sister City Award sendo ainda nomeado

Diretor Honorário da *Tulare-Angra Sister City Foundation* nesse mesmo ano.

Refira-se que em 2024 foi instituído pela CMAH um concurso literário de periodicidade bienal, para textos narrativos, poéticos e dramáticos com a designação de "Prémio Literário Álamo Oliveira". Este prémio não só é um incentivo a quem se queira lançar no mundo da escrita como é também uma homenagem a Álamo Oliveira, ainda em vida deste, o que é facto raro.

NOTA FINAL

Álamo Oliveira faleceu no Hospital de Santo Espírito de Angra do Heroísmo a 6 de julho de 2025, aos 80 anos, no decorrer de um internamento a que tinha sido sujeito. A 8 de julho a Assembleia Legislativa Regional aprovou por unanimidade um **Voto de Pesar** pelo falecimento desta enorme figura, honrando a sua memória. Também nós, Associação Os Montanheiros, deixamos aqui a nossa modesta homenagem.